**A APRENDIZAGEM DO OLFATO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Mayara de Andrade Silva –** BOLSISTA **PROLICEN/DEF/LEPEC/UFPB**

Curso de Educação Física – Laboratório de Estudos e Pesquisas em Corporeidade, Cultura e Educação – Universidade Federal da Paraíba.

**Danielle Menezes de Oliveira – Profa. Ms. Co-orientadora - LEPEC/CCS/UFPB**

Prof. da Rede Pública de Ensino Municipal – Laboratório de Estudos e Pesquisas em Corporeidade, Cultura e Educação – Universidade Federal da Paraíba.

**Pierre Normando Gomes da Silva – Prof. Dr. Orientador – DEF/LEPEC/UFPB**

Departamento de Educação Física – Líder do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Corporeidade, Cultura e Educação – Universidade Federal da Paraíba.

1 INTRODUÇÃO

A percepção de mundo, para os seres humanos, se dá por meio dos sentidos: audição, tato, paladar, olfato e visão. Esses sentidos unidos e estimulados facilitam o processo de aprendizagem da criança, pois o conhecimento do mundo chega por meio desses sentidos, sendo captado por células sensoriais e, posteriormente, interpretado pelo cérebro. Dessa forma, o corpo se estabelece como o principal instrumento de aprendizagem (GOLDSCHMIDT, et al., 2008).

Autores como Rubem Alves (1999) que é um dos grandes educadores brasileiros tem sugerido que a educação física deveria ensinar as pessoas a aguçarem sua capacidade sensitiva. E ainda na mesma linha, João Batista Freire (2003), pedagogo da educação física, deu um passo mais a frente quando sugeriu a educação dos sentidos como uma das três dimensões básicas do ensino da educação física. Diz ele: “Como pedagogos, temos de lidar, antes de tudo, com a hipótese educacional, segundo a qual as pessoas precisam ser educadas para ter acesso a uma cultura mais elaborada. Portanto, é preciso saber ver, ouvir, cheirar, saborear e tocar, o que equivale a dizer que os sentidos devem ser educados tanto quanto o pensamento lógico ou moral” (FREIRE, 2000, p. 126).

A infância é compreendida como um conjunto de possibilidades criativas, onde todo ser humano tem necessidade vital de saber, pesquisar e trabalhar. Para as crianças essas necessidades se manifestam, nas brincadeiras com seus desafios (CRUZ, 2005).

Existem vários tipos de odores, porém no momento atual, não existe esquema adequado de classificação dos odores capaz de descrever a sutileza e a enormidade de experiências aromáticas (SCHIFFMAN, 2005). Essa ausência de um esquema adequado se dá pela dificuldade para classificar os aromas segundo odores primários é que muitos aromas não são facilmente associáveis aos odores primários. Mas segundo o mesmo autor existem algumas classificações de odores primários como por exemplos: o odor canforáceo, o almiscarado, o floral, o mentolado, o etéreo, o picante e o pútrido.

 Para esta pesquisa utilizou-se categorias correspondentes ao prisma de Henning e a classificação de Amoore (1965), haja vista que, através da avaliação diagnostica por meio da apresentação de alguns tipos de odores foi possível ver quais categorias as crianças conheciam mais, ou seja, aquelas mais que supostamente seriam mais frequentes na sua vivência (ambiente de casa, escola, e a rua), para que assim pudéssemos traçar as categorias a serem trabalhadas. Os odores escolhidos foram: Floral, Mentolado, Picante e Pútrido, estes detectados na avaliação diagnosticas com os maiores índices de acerto.

2 OBJETIVO

Nosso objetivo é criar uma metodologia de aula que desenvolva as percepções olfativas, para que, o sentido do olfato possa se tornar mais aguçado. Desta forma pretendemos com este projeto criar uma metodologia de aulas utilizando a Pedagogia da Corporeidade, que aumente as percepções olfativas, para que assim as crianças desde cedo possa tornar o sentido do olfato mais aguçado. Essa metodologia visa trazer uma nova temática na Educação Infantil e se preocupa em criar aulas que sejam acessíveis e de fácil utilização para os professores de Educação Física.

3 METODOLOGIA

 A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Professor Durmeval Trigueiro Mendes, vinculada a Prefeitura Municipal de João Pessoa, sendo a amostra composta por crianças de 4 e 5 anos. No total foram 15 aulas ministradas, 2 vezes por semana com duração de 50 minutos. O material empírico foi produzido por meio de observações e avaliações durante as aulas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

ANÁLISE E DISCURSÃO PRÉ-PÓS INTERVENÇÃO

Tabela representativa de acertos da turma Pré-II das categorias de odores primários na pré e pós-intervenção.

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Categorias | Pré-Intervenção | Pós-ntervenção |
| Floraln:16 | 11 | 16 |
| Mentoladon:16 | 07 | 16 |
| Picanten:16 | 06 | 09 |
| Pútridon: 16 | 13 | 09 |

**n**\***:** Total de sujeitos válidos.

 A tabela representa os acertos das categorias no primeiro momento que foi apresentado os diversos tipos de odores (floral, mentolado, picante, pútrido), ou seja, antes da intervenção e também representa os acertos após a aplicação dos blocos de aulas referentes a cada categoria.

 Os sujeitos que foram analisados para esta pesquisa era composto de uma amostra com 25 crianças. No entanto apenas 16 dessa população participaram das três etapas: avaliação diagnóstica (pré-intervenção, aplicação dos blocos de aula e da reaplicação das categorias vistas no primeiro momento) e por terem participado esses 16 alunos da primeira e segunda etapa, os mesmo estavam aptos a participarem da terceira.

Conforme mostra a tabela observou-se que para as categorias florais e mentoladas teve-se um resultado muito significativo, sendo unanime os acertos após a intervenção das aulas, apesar de também serem estas categorias que tiveram maiores índices de acertos. Sendo estas categorias muito comuns no cotidiano das crianças, isso pode ter influenciado no momento da resposta, uma vez que, as crianças tem em suas casas objetos que derivam de cheiros florais como, por exemplo: desinfetantes, perfumes, lustra-móveis e hidratantes e também os que derivam da categoria mentolada como, por exemplo: creme dental, pastilha de hortelã e vick.

 Desta forma esses odores ficam memorizados nas crianças e consequentemente ao se apresentar categorias odoríferas ao educando no momento das aulas eles irão recordar do cheiro por já ter sentido. Como diz Piaget (1977), a memória das crianças está relacionada com o desenvolvimento cognitivo. As várias experiências realizadas, nomeadamente comparando desempenhos na memorização de imagens entre crianças e jovens, demonstraram que a memorização de imagens complexas necessita de uma análise da imagem. A memória dos mais novos, falha pela falta de uma análise perceptiva da imagem.

 Com relação à categoria picante teve-se um pequeno aumento de acertos em relação ao primeiro momento, ou seja, não houve uma diferença considerável após a intervenção no número de acertos. Já a categoria Pútrida surpreendeu com um resultado negativo, uma vez que diminuíram os acertos após a intervenção, o que se compreende que as crianças não tem um conhecimento mais apurado do que venha a ser um cheiro de podre. Foi percebido que as crianças sentiam dificuldade em responder essas duas últimas categorias supracitadas, principalmente a categoria pútrida, muitas vezes eles respondiam que não sabiam, ou que não tinha um cheiro conhecido, uns chegaram até a dizer que o odor não era desagradável.

 É importante ressaltar que todas as categorias ensinadas durante as aulas foram apresentadas sempre de forma lúdica, pois como diz Gomes-da-Silva, 2011 o jogo é um dos elementos agenciadores de modelagem do indivíduo e da coletividade, este modela os sujeitos sociais tanto na estrutura do comportamento, quanto em suas disposições íntimas ou subjetivas.

CONCLUSÃO

A prática de Educação Física por meio de atividade lúdica fornece subsídio para o educando observar, interagir, experimentar, investigar e formar o verdadeiro conhecimento científico Durante todo o tempo de desenvolvimento infantil, o lúdico está presente. A partir de uma atividade lúdica, além de sentir prazer e ter diversão, a criança desenvolve habilidades motoras e intelectuais (TAFNER; FISCHER, 2004). Dessa forma, as atividades favorecem a aprendizagem do assunto abordado, no caso desta pesquisa a sensorialidade. Por entender que é nas aulas de Educação Física que se enfatiza os aspectos da corporeidade é que esse se foi despertado o interesse em fazer esta pesquisa, pois é através dela que se poderá criar uma metodologia de ensino para educação física que atenda as necessidades de aprender através dos sentidos.

Vale ressaltar a importância de o professor ter em seu plano de ensino o conteúdo sobre sensorialidade, pois, também é através dele que se pode descobrir se a criança está tendo uma evolução nos seus aspectos cognitivos e motores, além de se descobrir possíveis problemas de saúde.

Sendo assim fica claro que esta pesquisa com as intervenções tiveram resultado positivos, fato este não esperado a priori, pois, no início foi difícil conseguir passar para as crianças um conteúdo até então nunca trabalhado na educação física para com elas. Foi muito satisfatório ver que os educandos a cada semana que se passavam eles empolgavam-se com as aulas e sempre quando se era perguntado o que se trabalhou nas aulas anteriores a grande maioria falava os tipos de cheiros aprendidos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O amor que acende a lua**. Campinas: Papirus, 1999.

AMOORE, J.E. **Current status of the steric theory.** Anal of the New York Academy of Sciences, 1995.

CRUZ, M.C.M.T. **Para uma educação da sensibilidade: a experiência da Casa Redonda de Estudos**/ Maria Cristina Meirelles Toledo Cruz, 2005. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes/ USP, 2005.

FREIRE, J. B. SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo. Scipione, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia Da Esperança**. 7. ED. RJ: Paz E Terra, 2000.

GOMES-DA-SILVA, P. N. **O jogo da cultura e a cultura do jogo: por uma semiótica da corporeidade.** João Pessoa: UFPB, 2011.

GOLDSCHMIDT, A. I. et al., 2008. **A importância do lúdico e dos sentidos sensoriais humanos na aprendizagem do meio ambiente.** Disponível em <http//www.siedu-ca.com.br/admin/upload/70.doc> .Acesso em: 08/01/ 2013.

PIAGET, Jean. INHELDER, Barbel. **A imagem mental na criança.** Livraria Civilização.Porto: 1977